

GUATÓ: UMA LÍNGUA REDESCOBERTA

A primeira menção aos índios Guató aparece em 1555, nos *Comentários* do navegador Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Identificados como índios canoeiros, eles eram nômades e se deslocavam por uma região que se estendia desde o norte da cidade de Corumbá (MS), nas proximidades da lagoa Mandioré e do porto de Amolar, até acima da cidade de Cáceres. Habitavam ainda o rio São Lourenço — hoje Cuiabá —, afluente do Paraguai, o rio Caracará, afluente do São Lourenço, e as lagoas Gaiíba e Uberaba. Desde aquela época, os Guató foram mencionados com certa frequência nos relatos de viajantes e exploradores, até 1938, quando Frederico Rondon publicou *Na Rondônia ocidental*, em que narra contato estabelecido com eles dois anos antes. Depois disso não houve sobre a tribo nenhum registro importante durante 40 anos.

As notícias mais completas sobre o passado dos Guató são os relatos feitos por Francis D. Castelnau (1851) e Hercules Florence (1875), e, neste século, os trabalhos de Max Schmidt, que os estudou de 1900 a 1928. Aparentemente eles nunca constituíram uma tribo muito numerosa. No tempo em que Schmidt os contactou, a nação subdividia-se em três grupos, cada qual com um chefe de linhagem patrilinear. Agrupavam-se em famílias biológicas, sem aldeamento fixo, mas faziam casas precárias nas áreas ribeirinhas, que ocupavam

até o período da cheia. Então as abandonavam, permanecendo em suas canoas ou mudando-se para as partes mais elevadas das margens.

Nos tempos de Castelnau e de Florence, os Guató já usavam alguma vestimenta e ornamentos discretos nas orelhas e lábios; suas armas eram o arco, a flecha e a zagaia (espécie de lança). Os homens tinham barba e eram descritos como "muito ciumentos". Polígamos, chegavam a ter até 12 esposas. As mulheres eram mencionadas como "bonitas e muito tímidas". Schmidt observou que os homens se reuniam ocasionalmente em lugar secreto. Segundo ele, o hábito de permanecer muito tempo nas canoas contribuiu para que os Guató tivessem as pernas ligeiramente arqueadas.

Schmidt também registrou algumas frases e narrativas, além de quatro listas de palavras na língua desses índios. Essa é praticamente toda a documentação existente sobre o guató, que é uma das 40 línguas indígenas brasileiras ainda não analisadas. Aryon Rodrigues fez sua classificação genética no tronco Macro-Jê, mas ela não apresenta relação mais imediata com qualquer outra língua ou família linguística conhecida. Apesar da extrema penúria em que vivem hoje os últimos remanescentes dos Guató, com seu povo desestruturado e a organização social desfeita, a língua — que pode ser considerada obsoleta —

resiste às interferências do português de forma surpreendente, constituindo ainda um fator de unidade étnica do grupo.

O que resta dessa nação são cerca de 220 pessoas, segundo levantamento feito pela Fundação Nacional do Índio (Funai) em 1978, pouco tempo depois de nosso primeiro contato com os Guató em setembro de 1977. Meses antes, uma missionária salesiana — a irmã Ada Gambarotto — havia retomado o fio que levava aos Guató, nos últimos 40 anos considerados como tribo extinta e portanto não reconhecida oficialmente. A religiosa identificou a guató Josefina, em Corumbá, através do trançado que essa índia fazia. Soube-se então que as famílias remanescentes se encontravam dispersas pelas margens dos rios, ora vivendo dos favores de fazendeiros, ora se escondendo para não serem enxotadas. Outros sobreviviam nas cidades vizinhas de algum trabalho marginal. Por serem excelentes caçadores, esses índios foram usados e explorados no auge da comercialização dos



fotos creditadas pelo autor



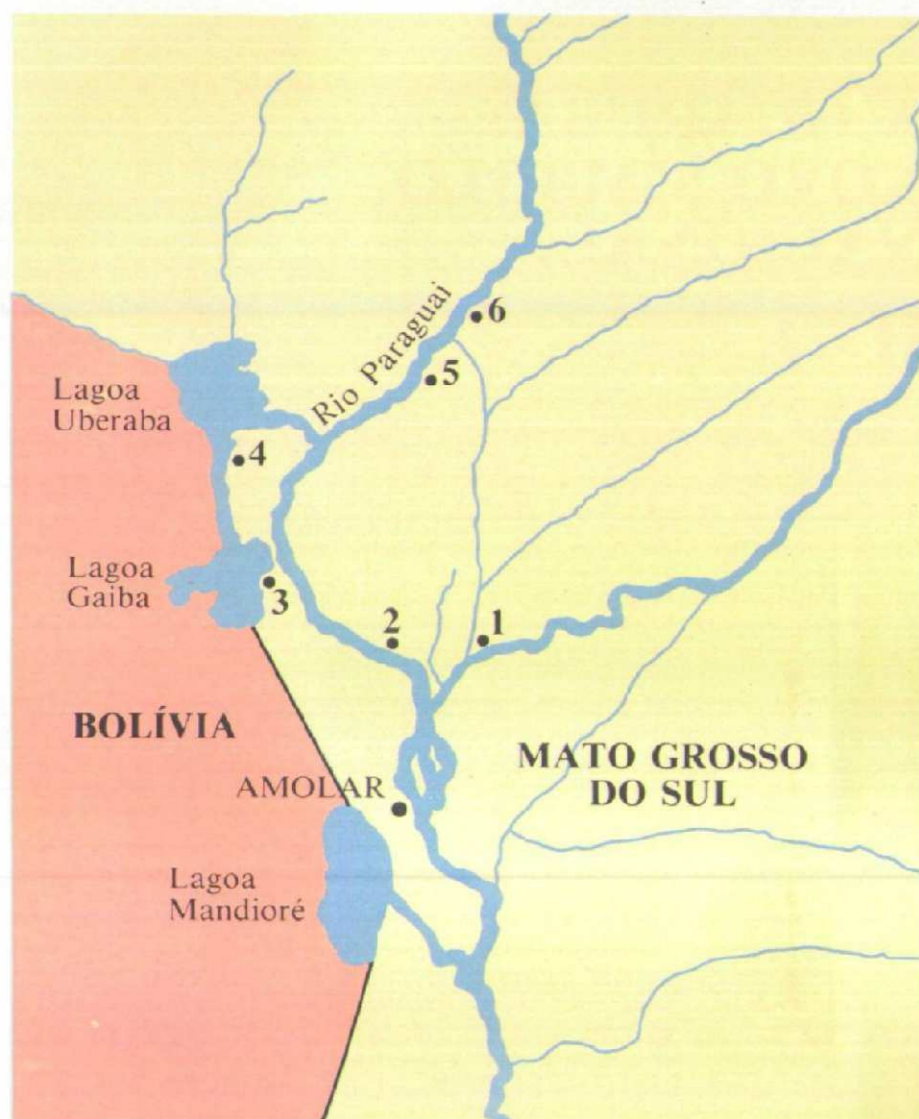
À esquerda, Félix, jovem índio Guató que habita São Lourenço (local indicado com o número um no mapa). Acima, Josefina, índia Guató que vive em Corumbá (MS).

couros de jacaré e onça, geralmente por pessoas inescrupulosas. Das nove famílias que visitei, quatro faziam uso ativo do guató. Acreditamos que dos remanescentes da tribo só cerca de 50 pessoas sabem a língua e, destas, só 20 ou 30 a empregam no dia-a-dia, ao lado do português. São cerca de dez a 15 famílias que vivem longe umas das outras e raramente têm oportunidade de se encontrar.

De acordo com nossa análise e descrição, o guató é uma língua tonal (ou seja, o tom alto ou baixo de uma vogal modifica o significado das palavras), predominantemente aglutinante com respeito à formação de palavras, apresenta marcas de ergatividade (os marcadores de sujeitos dos verbos transitivos e intransitivos são diferentes) e é do tipo VSO (a ordem predominante é verbo-sujeito-objeto). Um sistema numeral de base quinária até o número 20 e decimal para os demais é uma das características que a distingue da maioria das línguas indígenas brasileiras. Temos, em nosso registro, números acima de mil. Esse sistema numeral, bastante intrigante, deve ter sido desenvolvido há muito tempo, pois foi registrado por Castelnau antes de 1851. Que fatores culturais teriam levado os Guató a desenvolver um sistema tão elaborado para representar valores numéricos tão altos?

Várias cores têm representações lexicais, mas as nuances dessas cores nem sempre correspondem às interpretações que delas fazemos. Por exemplo, /nipé/ é a palavra para preto e azul, que indica tanto a cor do céu como a de uma galinha preta. O amarelo do milho é /nópi/, a mesma palavra que descreve o vermelho do urucum. Tenho ainda registrados nomes para cada um dos dias da semana, nomes para cada um dos dedos e palavras para algumas das relações de parentesco do lado paterno, diferentes das do lado materno. Os dois tipos de verbos descritivos, com marcadores diferentes para descritivos dimensionais e não dimensionais, parecem também uma evidência linguística de que esse povo teria tido, em passado remoto, preocupações quantificadoras pouco conhecidas entre os povos indígenas do Brasil.

Schmidt refere-se à construção dos "aterrados" guató como verdadeiras obras de engenharia, construídas com areia, conchas, espinhas de peixe, ossos e outros materiais. Tais aterros, localizados nas margens habitadas por esses índios, em locais acima do nível das cheias, eram transfor-



Mapa da área habitada pelos Guató remanescentes. Os números assinalam os locais em que a autora estabeleceu contato com eles em 1977 e 1978.

mados em áreas férteis através de técnica elaborada, servindo então a cultivos como o da banana e do acuri. Alguns deles ainda podem ser vistos nas margens de rios e lagoas. Pode-se especular que tais manifestações culturais, associadas a noções espaciais, podem ter relação com as características que apontamos na língua.

Embora todo o grupo remanescente dos Guató fale português e a despeito do mosaico linguístico que na sua região existe, não foi possível constatar interferências óbvias em sua língua, nem mesmo do português. Nos meus dados há apenas três palavras que registram tal interferência: /mamãu/ "mamão", /morimãu/ "limão" e /mavaka/ "gado", "vaca". Estas palavras apresentam uma adaptação morfológica e /morimãu/ também uma adaptação fonol

ógica. A cunhagem de palavras para conceitos de recente entrada cultural, como cavalo, galinha e objetos de metal, faz-se descritivamente. A palavra "cavalo", por exemplo, é formada por analogia a outras palavras já existentes na língua, sendo traduzida literalmente como "onça grande". Tive a oportunidade de ver a índia Josefina cunhar uma dessas palavras quando se referiu a um ônibus chamando-o de "canoia da terra". Talvez seja exatamente essa resistência um dos fatores a manter os Guató identificados entre si e a sua língua viva.

Adair Pimentel Palacio
Núcleo de Estudos Indigenistas,
Departamento de Letras,
Universidade Federal de Pernambuco